

CAMINHÕES, RAINHAS E DESFILES: A FESTA DO ARROZ EM CAXIAS, MARANHÃO.

Jaqueline Marques Silva Nunes¹

Marcelo Cheche Galves²

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Caminhões, Rainhas e desfiles: a festa do arroz em Caxias, Maranhão”, *a priori* mostra a relação entre a sociedade caxiense e a festa do arroz nas décadas de sessenta e meados de setenta. Apresenta um breve aspecto da economia caxiense no período, os patrocinadores e as razões que levaram ao desaparecimento do festejo. Procurou também, evidenciar a importância da história oral para a reescrita e como está faz parte essencial na preservação da memória de determinados grupos sociais. Entrevistas realizadas com pessoas que viveram a época do festejo, bem como autores que pesquisam e escrevem sobre festas, memórias e identidade se fazem presentes em todo corpo do trabalho. Pesquisas em jornais e livros encontrados no Instituto Histórico e Geográfico de Caxias e na Academia Caxiense de Letras foram essenciais para a realização da pesquisa. Vale ressaltar que ressignificar a memória festiva da cidade de Caxias é contribuir para a escrita da memória desta.

Palavras-chave: Festa, desfiles, memória.

ABSTRACT

This work entitled "Between songs and parades: the feast in honor of caxiense rice", *a priori* shows the relationship between society and the Feast caxiense Rice in the sixties and mid-seventies. Presents a brief aspect of caxiense economy in the period, the sponsors and the reasons behind the disappearance of the celebration. He also sought to highlight the importance of oral history as for the rewritten and this is an essential part in preserving the memory of certain social groups. Interviews with people who lived through the time of the celebration, as well as authors who research and write about parties, memories and identity are present throughout the body of work. Research in newspapers and books found in the Historical and Geographical Institute of Caxias and Caxiense Academy of Letters were essential to the research. It is noteworthy that reframe the festive memory of the city of Caxias and contribute to the writing of this memory and this is what became more relevant to the proposal and execution of this work.

Keywords: Party, parades, memory.

¹Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Especialista em Metodologia e Teoria da História e em História do Maranhão pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias- MA.

²Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

INTRODUÇÃO

Ao rebuscar a história da cidade de Caxias-MA, é possível encontrar relatos sobre sua vida econômica, como por exemplo, o de Robert Southey (1810 e 1817, p.370): “Aldeias Altas lugar populoso de grande importância comercial. Avultada quantia de arroz e algodão se cultiva aqui”.

Como se pode observar na sua origem, Caxias traz consigo traços de desenvolvimento e importância no que se refere a sua economia e produtos agrícolas, merecendo aqui destaque especial o arroz, elemento que por várias décadas sustentou a cidade no aspecto econômico, devido ao seu largo consumo e como artigo de exportação para outras províncias, depois estados, brasileiros.

Durante as décadas de sessenta e setenta do século XX, o arroz produzido nos arredores de Caxias- MA ajudou a sustentar a economia local. Para cá vinham produtos e compradores de várias partes do Brasil.

Indústrias de beneficiamento de arroz foram instaladas no município, merecendo destaque a *Francaastro*, de propriedade de José Castro, prefeito da cidade durante alguns anos da década de oitenta.

Ao revisitar a memória histórica deste município, folheando jornais e fotografias da época, chama atenção a presença dos produtos agrícolas em festejos de homenagem a santos e em datas cívicas, também comuns a muitas outras cidades. Caxias não fugia deste mosaico de festividades, sendo que o arroz, base da economia do município, também mereceu um festejo próprio.

Segundo Norberto Luís Guarinelo: “A festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto material como comunicativo ou principalmente significativo” (1972, p.78). A festa em homenagem ao arroz ocorria anualmente, significando um espaço de produção de identidade e, talvez principalmente, de obtenção de lucros.

Pelas ruas da cidade desfilavam caminhões carregados do produto, a festa era realizada também em clubes da cidade. A população residente em todos os bairros se fazia presente, bem como moradores de outros municípios maranhenses e piauienses. Sobre o período, são encontrados relatos e fotografias que nos reportam a esta atividade, que

representou momentos significativos para a formação cultural e econômica da sociedade caxiense.

Esta festa, que faz parte da memória dos moradores que viveram e vivem em Caxias, se perdeu no tempo, mas como destaca Tedesco (2004, p. 94): “(...) no fundo, é a identidade que está à origem da memória. Nós não somos a soma de nossas recordações, mas aquilo que somos determina o conjunto de nossas recordações”.

Embora não faça mais parte do cotidiano festivo da cidade, a “Festa do Arroz”, ainda sobrevive entre aqueles que a preservam com saudade em suas caixinhas seletivas da memória, aspecto também explorado neste trabalho. Tendo em vista que a memória é matéria-prima do historiador, uma construção psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, a história oral foi a fonte primordial para a realização deste trabalho, pois:

(...) a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Ao levar em consideração as palavras de Thompson no caso da Festa do Arroz, a memória dos que lembram e valorizam a festividade ao contar a trajetória deste acontecimento, serviu como fonte para a formação da memória coletiva dos caxienses e para certa preservação cultural.

Os acervos da cidade que foram preservados, por exemplo, no Instituto Histórico e Geográfico e na Academia Caxiense de Letras, foram de grande relevância para esta escrita, especialmente os jornais e fotografias da época. Contudo, apesar das dificuldades em localizar fontes escritas e imagéticas, bem como recuperar testemunhos orais, realizou-se o trabalho que tem como objetivo primordial compreender a importância da Festa do Arroz para a sociedade caxiense nas décadas de sessenta e meados da década de setenta como preservação da história local.

A “Festa do Arroz” na memória de alguns moradores de Caxias- MA

As festas sempre permearam o cotidiano do povo brasileiro, vários eram e são os motivos para se comemorar, sejam datas cívicas, temas religiosos ou sucesso da colheita de produtos agrícolas.

Fazer festa significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e a sua identidade: é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, reafirmando na força da representação, no ato comunicativo e comunitário. Esta ação de resguardar a própria identidade é fundamental para encontrar-se a si mesmo. (FERREIRA, 2006, p.64).

No Maranhão, em especial em Caxias, a colheita de arroz foi motivo de festa para seus habitantes. No período aqui destacado, a festa em homenagem ao arroz caxiense era um evento esperado ansiosamente pelos moradores da cidade, que aproveitavam a ocasião para encontros sociais, diversão e lucros.

Ao observar fotografias da época, como esta, encontrada nos acervos públicos da cidade, em especial no Instituto Geográfico de Caxias é possível visualizar e talvez medir a importância do acontecimento.



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Caxias- MA.

Ao festejar o sucesso do arroz caxiense, as mais diferentes identidades se mesclavam pelas ruas da cidade. Ao observar fotografias da época, percebe-se que era um momento em que as diferenças aparentemente eram esquecidas, que todos se uniam em uma descontração e contemplação dos atrativos trazidos pelos organizadores da festa.

Neste caso:

A fotografia funciona em nossas mentes, como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um determinado tempo, absolutamente congelado contra a mancha do tempo. Os momentos vividos são únicos irreversíveis, daí a importância da fotografia como tentativa de registrar o passado (KOSSOY, 1996, p. 81).

No contexto da Festa do Arroz, as fotografias funcionam como uma das fontes primárias privilegiadas. Por seu intermédio, é possível saber quem eram seus participantes, como se comportavam, analisar gestos, enfim tentar compreender as características individuais e coletivas da sociedade envolvida. As fotografias analisadas levam a acreditar que não havia diferenças entre os participantes, todos se envolviam no momento de descontração e alegria. “Entre os indivíduos, a identidade criada não é homogênea, nem uniforme. A festa não apaga as diferenças, mas antes une os diferentes” (GUARINELO, 1972, p. 973).

Nos relatos do professor Manoel da Páscoa Medeiros Teixeira³ pode-se encontrar o porquê da festa:

A festa do arroz era iniciativa da família Castro, proprietária da Indústria de beneficiamento do arroz, localizado no bairro Ponte, município de Caxias-MA. A festa do arroz era uma manifestação cultural, industrial e agrícola. O arroz vinha nos caminhões de todos os arredores da cidade, que faziam uma carreta em todo centro histórico da cidade. Carro de som musical e locutores relatando a importância da festa e do produto agrícola para o município (...).

Ao conversar com o professor, entende-se que a população caxiense esperava ansiosamente pela atividade, arrumava-se, vestia as melhores roupas, principalmente para assistir ao desfile dos caminhões e encontrar-se com moradores pertencentes ou não ao município.

Ainda segundo o professor: “A festa teve início na década de sessenta e meados de setenta e todas as classes sociais participavam sem distinção, inclusive a comida e a bebida era oferecida ao público (...)”. Nos relatos do professor, observa-se o significado da história oral

³ Caxiense nascido no dia treze de abril de 1952, na localidade Porto do Padre – 1º distrito de Caxias. cursou o ensino fundamental e o médio nas escolas públicas de Caxias. Muito jovem viajou para Recife, onde estudou Teologia no Instituto Teológico de Recife e Filosofia na Universidade Católica de Pernambuco. cursou ainda Arte, Beleza, Radialismo e Topografia. Trabalhou sua vida inteira nas Escolas de Ensino Médio de Caxias (Escola Técnica, Colégio Caxiense, Colégio Diocesano e Escola das Irmãs).

para a construção e reconstrução das identidades das sociedades revelando as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas.

Ao viver o momento em que a Festa do Arroz era realizada em Caxias, e por ser um historiador nato e guardião de certa memória sobre a cidade, percebe-se a propriedade como o entrevistado se refere ao acontecimento, informa detalhes, parece que viaja no passado, sua fala revela as certezas sobre o que o faz recordar. “... E ali muitos fogos e músicas e depois era oferecido um grande banquete aos convidados de honra, parece que estou ouvindo”, relembra o professor.

A fonte oral pode não ser precisa, mas possui elementos distintos de outros registros documentais. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podem-se conhecer os sonhos e anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época (PORTELLI,2006).

A Festa do Arroz em Caxias contribuiu para a construção coletiva da sociedade caxiense durante algumas décadas no século XX e permanece viva no imaginário dos cidadãos que presenciaram a festividade.

O testemunho oral de fato, nunca é igual a duas vezes. Isto é uma característica de todas as comunicações orais, mais especialmente verdadeira das formas relativamente não estruturadas, tais como declarações, autobiografias ou histórias fornecidas em entrevistas(PORTELLI. 1997 p. 36).

Ao conversar com a Senhora Haydé Castro Vilanova Sena, professora e gestora de uma das Escolas Públicas da cidade, e que participou durante alguns anos das festividades, percebeu-se emoção em sua fala:

A festa ocorria quando colhia o arroz, o babaçu e o algodão, lembro bem que eram os três produtos. A reunião saía nas principais ruas das cidades, carregadas da matéria (caminhões carregados de arroz lembram). Evento criado pela Francastro, a década (espera um pouquinho tenho que vasculhar a memória, comenta dona Haydé), era sessenta e setenta, eu tinha uns quinze anos, era tradição, todo ano acontecia, era muito esperada e não havia diferença de classe, todos participavam.

A festividade era tradição no cotidiano, porque fazia parte do costume do povo desta cidade, pois como afirma Eric Hobsbawm:

‘Tradição inventada’ é utilizada num sentido amplo nunca indefinido. Inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo, às vezes coisas de poucos anos apenas e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBSBAWM, 1997, p.9).

Ao analisar as palavras de Eric Hobsbawm é fácil relacionar a festa com a tradição inventada, porque são acontecimentos criados pelo povo, que de alguma forma procura expressar-se, juntar-se, comunicar-se em acontecimentos festivos em que os personagens misturam-se e assim ajudam a compor as identidades coletivas de um determinado lugar.

Em Caxias, a Festa do Arroz significava um momento de descontração para aqueles que assistiam. De certa forma, todos lucravam, porque durante a sua existência o comércio movimentava-se no período em que acontecia, compravam-se tecidos para confecção de trajes apropriados ao passeio, bebidas, perfumes, entre outros acessórios.

Porém, não se pode negar que os mais contemplados eram àqueles que a produziam, pois era uma forma de atrair os produtores de arroz dos outros municípios para a cidade e assim compravam uma grande quantidade do produto. Como afirma seu Rodrigo Bayma: “Após a colheita do cereal, os caminhões entravam em Caxias, pelas estradas vicinais, vindo de todos os povoados, entrava a força da produção...”.

Na ocasião também acontecia o desfile da Rainha do Arroz, moças de famílias tradicionais da cidade que desfilavam em carros alegóricos embelezando as ruas por onde passavam.

Wybson Carvalho, poeta e membro da Academia Caxiense de Letras, empolga-se em falar: “Todos os arredores da cidade eram convidados, vinha gente de todas as paragens se deliciarem e emocionar-se com o desfile da Rainha do Arroz”.

Ao ouvir testemunhas da época é possível observar como “as fontes orais fornecem, potencialmente elementos que permitem, de alguma forma muito mais orgânica, aprender as dinâmicas dos grupos e dos sujeitos em seus afazeres, valores, normas comportamentos, etc.” (SILVA 2000, p. 32). Aprender tudo isso significa trabalhar com a complexidade da realidade social.

Durante o evento, às claras distinções de uma sociedade fundamentada na grande propriedade e na exploração de mão-de-obra barata, eram dissimuladas. Parecia não haver diferença entre os indivíduos ali presentes, era possível compartilhar os mais diferentes valores, a cultura parecia “unificada”, ou seja, o universo social tornava-se único.

Financiamento da festividade

Caxias desde tempos passados sempre foi uma das cidades mais importantes do Maranhão. "No tempo das lutas pela a independência, Caxias era a mais importante vila desta província (Maranhão), composta quase toda de negociantes ricos e grandes lavradores europeus" (FIDIÉ 2006, p.119).

Entretanto, vários foram os motivos para elevar Caxias a esse posto, dentre eles a sua produção agrícola, destacando o cultivo do algodão, milho e o arroz, como enfatiza Moacir Feitosa:

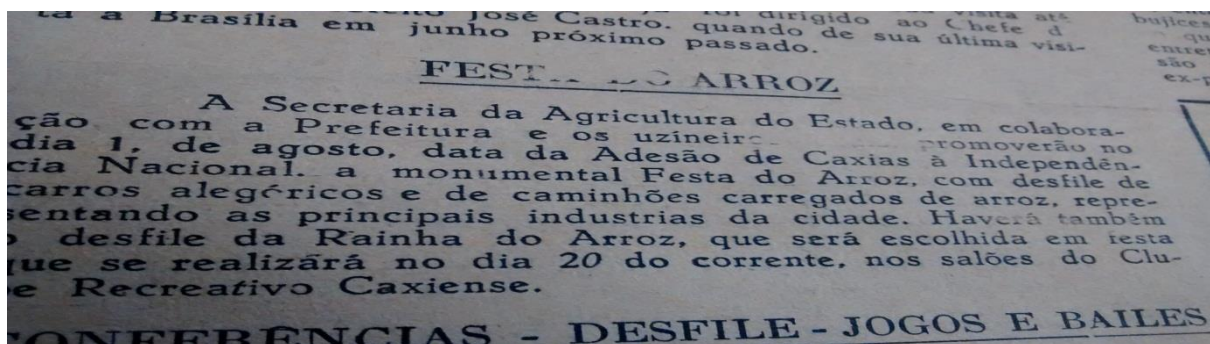
A força do trabalho ativo da população vai se dedicando à produção agrícola de alimento aos humanos na pequena unidade de produção familiar. Esta atividade vai se assentar na produção principal do arroz mais também do feijão, do milho e da mandioca (FEITOSA, 1998, p. 51)

Contudo, aos poucos o arroz, principalmente entre as décadas de 1920 e 1970, firmou-se como principal produto agrícola do Estado disputando com o algodão, este último já em franca decadência. O arroz era cultivado no início por pequenos agricultores e posteriormente em grandes áreas. Nas décadas de 1960 e 1970, Caxias foi uma das principais cidades do Maranhão produtoras de arroz.

De acordo com dados da época, o arroz era de grande importância para a economia dos caxienses nas décadas de cinquenta, sessenta e primeiras décadas de setenta, como pode ser observado: “Cr\$ Fubá de arroz - 52730 quilogramas, Cr\$527390,00; arroz descascado - 1229 toneladas” (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS, 1950, p.130). Na história econômica do Maranhão, sobretudo de Caxias, é notável a importância da rizicultura aos moradores da cidade, aqui observada a partir dos festejos que tal importância propiciava.

Promovida pelos proprietários das usinas de beneficiamento de arroz, tais como Constantino Castro e José Castro⁴ era patrocinada por importantes casas comerciais da época, tendo como exemplo, a Prefeitura Municipal de Caxias e Casas Pernambucanas, loja de artigos finos de sucesso em várias cidades brasileiras.

Notícias sobre a Festa do Arroz se faziam presentes nos noticiários dos jornais publicados na cidade, em especial este anúncio de 1973, momento em que se acredita representar o tempo áureo da festa.



Fonte: Jornal *O Pioneiro* – Terça-feira, 18-07-73.

Os jornais impressos deixam transparecer sua importância para a pesquisa histórica. É possível observar no anúncio, os patrocinadores da festa a data da comemoração como também, que não se resumia apenas ao desfile de caminhões carregados. Havia um momento em que todos se encontravam em um clube da cidade, onde acontecia o desfile da rainha do arroz.

O Clube Recreativo Caxiense era o local escolhido pelos organizadores da festa para a realização do baile dançante. Grupos musicais e cantores famosos vinham animar os dançantes como informa dona Haydé Castro: “A festa era animada por cantores famosos até Alcione veio animar a festa, não me recordo muito bem o ano, só sei que veio tenho certeza, os patrocinadores pagavam”.

Parece que não havia preocupação com gastos daqueles que organizavam a festa, pois os lucros eram certos, a quantidade de arroz comprada na ocasião compensava as despesas

⁴José Castro e Francisco Castro, donos da mais importante empresa de beneficiamento de arroz de Caxias e financiadores da Festa do Arroz.

com o evento. As atrações proporcionadas eram diversificadas, mesmo porque era uma forma de fazer com que todos prestigiassem de maneira satisfatória, o momento.

Outra preocupação era saudar aqueles que pareciam ser os mais importantes da festa, como se pode constatar em alguns caminhões, faixas com palavras de boas vindas aos condutores dos transportes que adentravam a cidade no período da comemoração.

Ao que nos parece, a festa acontecia em dois momentos, um pelo Centro Histórico de Caxias, onde ocorria o desfile dos caminhões e o outro em Clubes fechados, onde acontecia a escolha da rainha do arroz. Tais informações podem ser comprovadas no convite impresso nesta pesquisa.

O convite era direcionado a toda população da cidade e municípios vizinhos, todos eram convidados para se divertir.

ASAGRIMA: Associação Esportiva Caxiense e as Casas Pernambucanas têm a honra e a grata satisfação de convidar a quadro social da União Artista Operária Caxiense e a população em geral para participar com a sua presença na monumental festa do arroz (*O Pioneiro*, 18-07-1973).

O trecho acima transparece o desejo dos produtores de que a festa em homenagem ao arroz fosse vista como uma iniciativa arrojada e que demandava um alto investimento de capital, que provinha da grande produção do cereal nos arredores e nos municípios vizinhos.

Caxias era nesse momento um lugar de prosperidade econômica como enfatiza Rodrigo Bayma Pereira, aposentado da ferrovia, nascido em 12 de setembro de 1928 e que durante toda vida acompanhou a formação da cidade. “Eu vi muitas coisas e tinha necessidade de guardar, me interessava pela história”. Ainda segundo Rodrigo Pereira:

A festa era uma demonstração de força do comércio de Caxias, o comércio era muito promissor. Contava com a colaboração da Secretaria do Estado e bancos, onde era destacada a progressiva firma Francastro, que sempre organizava e patrocinava o evento (PEREIRA, agosto de 2014).

O senhor Rodrigo fala com saudade e certa indignação da época em que Caxias era a segunda cidade do Maranhão: “Caxias era pioneira no comércio, mas nas décadas de setenta e oitenta perdeu a primazia de ser a segunda do Estado, sendo substituída por Imperatriz (...)”.

Ao se reportar ao tempo em que participava da festa, o senhor Rodrigo Bayma fornece elementos essenciais para a elaboração da escrita da história. Para Alberti: “É na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer da história oral; é para lá que

convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo” (ALBERTI, 1990, p. 45).

As festas que aconteciam na cidade, especialmente a Festa do Arroz, era um momento em que seus patrocinadores aproveitavam para mostrar seu poder econômico, influência social, ganhar prestígio, pois durante o desfile de caminhões carregados do produto, todos conheciam a importância do arroz para a sustentação das atividades comerciais dos donos da indústria de beneficiamento do produto. Como lembra Norberto Guarinello: “Festa é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para reiteração, produção e negociação das identidades sociais. Um lapso aberto no espaço e no tempo social pelo qual circulam bens materiais e influência e poder” (GUARINELO, 2001, p. 963).

Tendo em vista a descontração trazida no momento festivo, e a preocupação da organização da festa, a contribuição de José Castro foi fundamental para o sucesso econômico de Caxias no período aqui discutido. Em 1962 é chamado pelo irmão Francisco Castro para ser sócio da empresa Francastro, abandona o curso de Direito e se dedica exclusivamente às atividades voltadas para o ramo do comércio. “Desde menino quando teve que deixar a pacata Nova Iorque⁵ para conquistar um novo mundo na cidade de Caxias, que se afigurava a ele, naquela época uma metrópole”.

Mais tarde José Castro, além de empresário, segue carreira política e chega a ser prefeito de Caxias na década de oitenta, quando é assassinado. Enquanto Constantino Castro seguiu sempre no ramo de indústria de beneficiamento de arroz e babaçu.

Aspectos que levaram ao fim do festejo

Em meados na década de setenta esta festividade de suma importância para a economia, a preservação da memória e conservação dos costumes dos habitantes desta cidade desaparece de seu calendário festivo.

⁵Município maranhense ao sul do estado, onde nasceu José Castro e Francisco Castro.

De acordo com o senhor Rodrigo Bayma Pereira “Caxias não acompanhou a evolução do comércio (Deu um branco no comércio)”, comenta o entrevistado. Por outro lado, o professor Manoel de Páscoa enfatiza:

Caxias e o Maranhão eram os maiores produtores de arroz da época, porém perderam a patente na posição produtiva, meramente por razões políticas, não houve investimentos no cultivo do arroz e aos poucos se perderam. A festa do arroz entrou em decadência e desapareceu.

O que nos leva a afirmar é que a falta de investimentos na forma de produção do arroz, levou à desestruturação dessa forma de economia tão próspera, pois faz parte da alimentação dos maranhenses. Hoje o arroz consumido em Caxias vem de outras cidades maranhenses, como por exemplo, Balsas, localizada no sul do Estado.

Nos arredores da cidade é fácil encontrar plantações voltadas à subsistência das famílias, para as quais a Festa do Arroz apenas faz parte das recordações e lembranças daqueles que a viveram. “O povo participava sem distinção de classe, doutores, homens humildes da periferia, operários, gerente de bancos, todos queriam o bem da terra, sentavam-se ombro a ombro todos a mesa”, lembra o senhor Rodrigo Bayma Pereira, de forma saudosa.

Portanto, assim como outras formas de produção maranhense, com o arroz não foi diferente: o pouco investimento na forma de produção, a falta de estratégia no beneficiamento do cereal, a forma rudimentar e principalmente o pouco investimento em técnicas avançadas, foram os fatores que fizeram com que o arroz deixasse de ocupar lugar de destaque na economia maranhense e, sobretudo caxiense.

Considerações finais

O objetivo principal deste trabalho foi compreender a importância da Festa do Arroz para a sociedade caxiense nas décadas de sessenta e setenta, fornecer um acervo historiográfico acerca do festejo para que ficassem registrados na memória escrita desta cidade, elementos que possam servir de pesquisa acerca do assunto em questão. Construir um texto acadêmico sobre a Festa do Arroz não foi tarefa fácil, pois praticamente não havia nenhuma informação escrita, exceto em alguns poucos jornais da época.

As fotografias e os jornais pertencentes ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico e Academia Caxiense de Letras foram os únicos registros encontrados, que puderam comprovar a existência do evento e serviram como ponto de partida para obtenção de conhecimentos sobre a Festa, em diálogo com a memória dos entrevistados.

Anúncios e Convites encontrados em artigos e jornais da época foram preciosos como corpo documental desta pesquisa. Entrevistas com pessoas que colaboraram de forma significativa na composição do corpo deste trabalho foram da mais alta relevância. As conversas com aqueles que guardam com saudades lembranças da festa, emocionaram diversas vezes a autora e foi possível sentir a grandiosidade e o “real significado” de acontecimentos como este, que fizeram parte do calendário festivo desta cidade.

Porém, há muito tempo vinha-se observando o interesse dos moradores em recuperar e até mesmo obter conhecimento acerca da festividade em homenagem ao arroz. Eventos como estes detalhados aqui não fazem mais parte do cotidiano da população caxiense, momentos transcritos no desenvolvimento destes textos desapareceram do cenário desta sociedade.

Pode-se então afirmar que atualmente existem apenas festejos religiosos isolados em bairros, como por exemplo, de São Benedito e o mais recente de Nossa Senhora de Assunção, entre outros poucos. Entretanto, nenhum pode ser comparado à Festa do Arroz. Compreendo que caiba a nós, caxienses, principalmente aos professores, fomentar objetos de estudo como esse, em sala de aula e em nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

a) Documentos

Impressos

Folha de Caxias, 1970 a 1974.

O Cruzeiro, 1970 a 1975.

O Pioneiro, 1973 a 1978.

Entrevistas

Haydê Castro Vilanova, 05 de abril de 2014.

Manoel de Páscoa, 26 de março de 2014.

Rodrigo Bayma Pereira, 15 de agosto de 2014.

Wybson Carvalho, 04 de abril de 2014.

b) Bibliografia

ALBERTI, Verena. **No giro do caleidoscópio**: a questão da identidade na criação literária. Rio de Janeiro, PPGAS Museu Nacional, 1990.

BASTIANI, Jorge José Castro, uma biografia /Jorge Bastiani. Caxias/MA. Caburé Editora, 1998.

BOTELHO, Joan. **Conhecendo e debatendo a História do Maranhão**. 2 ed.. Fort Com. Gráfica e Editora, 2008.

CRUZ, Mariléia dos Santos. NEM TUDO É VALENTIA OU VADIAGEM: práticas culturais e usos de símbolos de civilidade por escravos, forros e mestiços na Província do Maranhão oitocentista. **Outros Tempos**. Disponível em: <http://outrostempos.uema.br>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2014.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS, 1950.

FEITOSA, Raimundo Moacir Mendes. **Tendência da Economia Mundial e Ajustes Nacionais e Regionais**. São Luís: Mestrado em Políticas Públicas UFMA, 1998.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo**: a experiência italiana. São Paulo. Arte e Ciência, 2006.

FIDIÉ, João José da Cunha (1850). **Vária fortuna de um soldado português**. Teresina: FUNDAPI, 2006.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ; KANTOR. **Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa**. SP: Hucitec, 2001. v. 2.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LISBOA, Karen Macknow. Viajantes veemàs festas oitocentistas. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Íris (orgs). **Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa**, 2001. V. 2, São Paulo.

KOSSOY, Boris. Fotografias e memória: reconstituição por meio da fotografia. **Foto mundo**, Buenos Aires, número 342, outubro. 1996.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val diChiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Coords.). **Usos & Abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

_____. Tentando aprender um pouquinho, algumas sobre ética na história oral. **Ética e História oral**. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História de PUC-SP**. São Paulo. 1997.

SILVA, Acildo Leite da. Memória, tradição orla e afirmação da identidade negra. **Movimento-Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**, n. 1, Maio de 2000- Niterói- RJ: EdUFF, 2000, semestral.

SOUTHEY, Robert. **História do Brasil**. Tomo I. Tradução de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1862.

TEIXEIRA, Cláudia Menezes Graça. **Ciclo de desenvolvimento da indústria têxtil em Caxias**: História econômica. Unicamp: Campinas, 2013.

TEDESCO, João C.N. **Ascercanias da Memória**: temporalidade, experiênciase narração. Passo Fundo. RS:UPF; Caxias do Sul, RS: EDUCS,2004.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.